

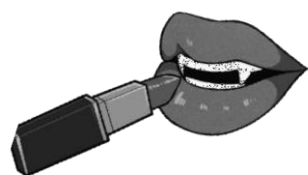
Whispers

In The

Abyss

Yanndra Neves





SUSSURROS NO ABISMO

Primeira publicação em
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

2025

1ª Edição

Todos os direitos da obra
SUSSURROS NO ABISMO
reservados ao Autor
[instagram.com/yanndraneves](https://www.instagram.com/yanndraneves)

Copyright do texto © Yanndra Neves, 2025

Arte de capa — Yanndra Neves



O oceano sempre fora lindo.

Uma finidade de nuances que iam do azul claro até o completo breu.

Sem se lembrar como foi parar ali, ela admirou onde estava: no meio do nada. Nenhuma criatura ao redor, nenhum som, nenhuma preocupação. A calma a inundava como as correntezas frias que faziam cócegas em sua pele. Seu cabelo planava ao seu redor, seus braços abertos, contemplando.

O silêncio era um tanto estranho, tinha que admitir, mas as vezes as coisas simplesmente eram assim. Admirando o formato das próprias unhas contra as sombras azuladas da água, pensou em como amava ser uma sereia. Não invejava criatura alguma, nem mesmo os humanos.

Um canto feminino começou ao longe, e ela sorriu, reconhecendo o canto de alguém de seu grupo, um dos oito Reinos espalhados pelo mundo. Não estava mais tão sozinha, pelo visto. “O oceano era assim”, ela pensou, rindo para si mesma.

Abrindo os braços, rodopiou, se divertindo com seus cabelos se enrolando em seus braços e a sensação de tontura. Apesar de já ser adulta, apreciava com esmero os momentos em que ainda podia ser jovial.

Sua irmã já tinha dezessete anos, e seus cinco anos de diferença a permitia participar de conversas banais e momentos descontraídos. Seu objetivo perante o grupo

era ser uma Cantilena, o que consistia em treinar sua magia vocal para encantar todas as criaturas e alimentar o Reino. Já Thalassa seria em breve, Cuidadora dos Corais.

Sua avó foi a última Cantilena que o Reino de Marenthis viu, e quando ela foi morta em um acidente infortúnio, nenhuma mais se manifestou, até ela.

Escrituras dos antepassados eram a única coisa que a mantinham conectada com informações sobre seu poder, e ser obrigada a descobrir tudo por sua própria conta a faziam sentir-se tanto encurralada quanto afortunada, e por isso agarrava-se em seus momentos livres com tanto afinho.

A água começou a ficar mais escura, e isso só podia significar que o dia enfim se transformava em noite. Talvez fosse hora de ir para casa.

Ir para casa... O pensamento logo foi ofuscado ao mover-se para o lado por um breve segundo e encontrar uma onda prateada tão densa que pareceu devorar sua visão enquanto um brilho esverdeado crescia, dando uma luz perigosa à escuridão.

Seu peito se apertou, um temor tomando conta de seu corpo ao notar que aquilo era sangue de sereia.

Desesperada, tateou-se buscando onde se machucara, mas a água tinha ficado ainda mais turva. Na verdade, a cada novo bater de cílios, mais o negro se alastrava ao seu redor, unindo-se aos resquícios da prata, fundindo um no outro até tornarem-se um profundo cinza, deixando-a apenas com o formato real do escuro e o aroma de sangue fresco.

Decidindo nadar para fora dali mesmo que não enxergasse direito, não conseguiu. Estava presa em algo. Mas como, se não havia nada ali a não ser água?

Um brilho esverdeado começou a surgir do fundo, tornando-se em seguida um azul tão reluzente que suas córneas doeram ao tentarem se acostumar. O canto que ouvira antes tornou-se mais nítido, mais próximo, como se a dona da voz estivesse sob ela.

Mas agora o tom não vinha trazendo semelhança, empatia ou sensação de pertencimento, e sim o oposto. A sensação de estar em perigo crescia a cada nova nota, e a luz aumentava, tornando-se algo que ela ainda não conseguia distinguir.

Tentava se mover a qualquer custo, mas falhava. E enquanto se debatia, mais presa se sentia, e mais a luz voltava a ficar verde, tomando uma forma tão grande sob o escuro abaixo de si que o medo da morte a ferroava.

Olhos a encontraram de repente, e o oxigênio se foi; a sensação sufocando-a. Precisava fugir do que quer que aquilo fosse. Suas unhas se agarraram em algo pegajoso e rochoso. Questionou-se onde estaria, mas não havia tempo para aquilo.

Tinha que escapar, e assim o fez.

Usou toda força em seu braço, arrastando-se para cima, ignorando a sensação que grudava em sua pele e em suas escamas, além do cheiro nítido de decesso. O par de orbes pareciam observá-la apenas, e quanto mais alto ia, mais longe ficavam.

Sua cauda estava cortada por sabe-se lá o que, assim como seus braços, mas a faixa mais clara de água a mantinham firme, havia luz em algum lugar. Seu peito movia-

se com força pelo esforço e pelo temor, mas nada além de ficar em segurança passava por sua mente.

Nadou. Escalou. E quando achou que não poderia mais, a claridade a banhou, e ela se viu saindo de um abismo cavernoso. Seu corpo estava coberto de sangue prata, e ao menear o rosto para baixo a fim de checar se a coisa desapareceu, viu apenas corpos massacrados.

Carne e sangue.

Foi ali que ela gritou.

E gritando, acordou. O eco da sua voz a trazendo de volta para o presente, o medo pungente em suas veias, tornando-a desesperada para agarrar-se em algo que não fosse o que acabara de ver.

— Nerissa? Sua irmã estava em sua frente, o rosto pálido, assustada. — Finalmente acordou! Olha, eu não sei o que está acontecendo, mas todo mundo está esquisito.

— Como assim?”

Rebateu, tentando trazer naturalidade em seu tom enquanto suas mãos se agarravam nos corais que formavam sua casa, e a descoberta de que não havia nenhum sangue ou carne em si a aliviou de forma tremenda. Sua cabeça doeu, ainda ecoando aquela canção.

— Não sei dizer. Só vi a correria lá fora e alguns murmúrios. Tentei te acordar por mais de dez minutos e você nem se movia! — Thalassa disse, o tom beirando entre o medo e o desespero pelo desconhecido.

— Não vá lá fora.” Ordenou. — Deixa que eu vejo o que está acontecendo.”

Nadando até um dos furos que usava como janela, tensionou de pronto quando não viu nada. Nenhum peixe, nenhuma sereia. Apenas manchas prateadas esporádicas que flutuavam pelas correntezas que viviam dentro de seu Reino.

A voz de seu sonho tornou-se mais alta, e sua têmpora latejou. Saindo pela fresta, nadou um pouco a frente de sua morada, e procurou sinais de qualquer outro. O silêncio tornou-se corrosivo, e o medo que sentiu em seu sonho ressurgiu, agora como se fosse real.

Foi apenas um pesadelo, disse para si mesma, tentando se confortar de alguma forma.

Virando de costas, avistou uma silhueta vindo ao longe, e logo sorriu, uma esperança de confirmação surgindo ao reconhecer um de seus amigos, Caspien.

Suspirou de alívio ao vê-lo se aproximar, mas conforme sua forma se aproximava, mais esquisito sua postura parecia. Enrijeceu a coluna quando ele enfim passou nadando a toda velocidade do seu lado.

Os olhos antes arroxeados agora estavam brancos, e não parecia haver nenhuma sombra de reconhecimento quando seu rosto se virou para o seu mesmo que por um milésimo de segundo.

— O que foi isso? — A voz de Thalassa ressoou.

Virando-se para ela, irritou-se.

— Eu falei para não sair!

Outra sereia veio de longe, passando tão rápido quanto o primeiro, depois ninguém mais.

O único som era a canção ao fundo e o bater de suas barbatanas contra a água que começara a se remexer como se estivesse furiosa.

—Nerissa... Estou com medo. — Sua irmã disse, a voz trêmula. —O que está acontecendo com a água?”

O desespero no tom dela era o espelho perfeito de seu interior. Nada daquilo jamais acontecera antes. Era como se uma tormenta que só acontece na superfície tivesse descoberto o caminho até ali, movendo tudo de lugar.

Aonde todos foram? Por que a água se movia daquele jeito? Perguntava-se. O som feminino ecoando em notas agudas e em um perfeito tom crescente aumentava, tornando-se impossível raciocinar.

— Que inferno de canção é essa? — Rosnou, permitindo um pouco de descompasso.

— Você também está ouvindo? — Thalassa perguntou.

— Como assim ‘você também está ouvindo?’”

— É tão bonita, não acha?”

—O que? — Questionou, confusa.

—A canção, ora.

Sua irmã parecia diferente de repente. O tom antes medroso dava lugar a uma tranquilidade alarmante.

— Entendi agora porque não tem ninguém aqui, — ela sorriu como se tivesse encontrado o fim do arco íris.

A felicidade na voz dela era incompreensível, não havia outra descrição.

— Ela está nos chamando, irmã! Vamos lá! Caspien já foi, nossa, ele é tão sortudo!

Sua irmã nadou de repente, tão rápido que ela precisou se esforçar para acompanhar.

— Thalassa! Aonde você vai?

Nenhuma resposta, apenas risadas e mais velocidade.

— Me responde, droga! — Gritou, desesperada tentando alcançá-la. — Thalassa! Por favor!

O coração batia tão rápido que doía. As bolhas de ar que deixam seu corpo se misturavam com as dos rastros de quem passara por ali, e a cada metro novo que

avançava, mais pesado ficava a sensação da água sobre seu corpo, como se não deversem estar ali.

Seu semblante era confusão e temor, enquanto a de sua irmã era êxtase, e não importava o quanto a chamasse, a garota não respondia, apenas continuava.

Estavam caminhando na direção mais afastada do Reino, entrando em águas escuras, perto do Abismo de Tiamat, um lugar onde a lenda dizia que os Antigos aprisionaram a Criadora das Sereias.

Quando a selaram sob as mais profundas rochas, ela perdeu sua essência, espalhando-a pelo oceano, dando à vida a sua espécie. Lembrava com perfeição de sua mãe comentando que o dever de proteger o mar era para honrar o Caos que tinha sido aprisionado junto da Deusa, e que cada uma das sereias, por serem pedaços dela, deveriam se comprometer em nunca a acordar.

E ao contrário, a parte ruim de Tiamat havia ficado com as moreias, cujas eram vistas como mau agouro, responsáveis por perpetuar a calamidade ao serem as predadoras naturais de todas as sereias.

Um de seus treinamentos mais difíceis era o de encantá-las, aliás. Consequia adestrar qualquer tubarão, polvo, humano e criaturas pequenas, mas as moreias eram quase impossíveis. Primeiro porquê elas sempre estavam tentando comê-las, segundo, porquê parecia que havia uma resistência em suas mentes a proibindo de acessá-las.

O pico rochoso do abismo enfim ficou perto demais, e seu desespero cresceu, incapaz de alcançar Thalassa seja por voz, seja por corpo. Queria sacudi-la, estapeá-la, prendê-la, qualquer coisa que a removesse daquele transe, mas para isso precisava chegar perto.

A velocidade estonteante e abrupta dela não deixava. O peso da água não deixava.

A canção em sua mente não deixava.

Era como no sonho de mais cedo. Presa em algo invisível, rastejando em algo pegajoso, exceto que agora sabia ser apenas água.

Thalassa chegou ao pico do abismo e ela gritou pela irmã, usando tudo que lhe restava para ignorar a canção que agora chamava seu nome tão de perto que desejava chorar de tão puro pavor.

Lançando-se do penhasco, submergiu atrás dela, não acreditando no feixe azulado que vinha do fundo. Sufocando nas próprias bolhas, desceu, nadando com tanta dor que jurou que sua pele se rasgaria a qualquer instante.

Queria clamar pela irmã, mas a voz não saía. Seu nome ecoava forte e nítido, como se o fundo do mar a chamasse, e por um instante duvidou se ainda não estava presa em um sonho.

Para seu infortúnio, sabia que não pela vivacidade da dor. E pelo fato de sentir presenças ao seu redor, e enquanto mergulhava ainda mais no escuro, centenas de olhos amarelos surgiam pelo entorno noturno.

As moreias nadavam ao seu redor, descendo junto de si. Sabia que elas estavam se movendo porque a altura de seus olhos acompanhava seus movimentos, mas se fosse

alguém de fora, diria que elas estariam imóveis, apenas os olhos cintilando pelo breu: sem atacar; observando, como se estivessem à espera de algo.

Como se fossem parte de um quebra cabeça e soubessem disso.

Como se ela também fosse, mas ainda não fizesse ideia disso.

Precisava salvar Thalassa.

Iriam comê-la, as malditas moreias iriam destroçá-la!

Por alguns segundos o escuro pareceu estarrecer, mantendo-a suspensa mesmo que estivesse fazendo esforço.

A vibração da água era assustadora, como se o Mal estivesse ali com ela, esperando-a.

Ao perceber isso, a tensão foi liberada de súbito, o escuro ganhando tons de azul que pareciam pertencer a outro mundo: era um tom que nunca vira.

Alguém sussurrou seu nome ao pé de seu ouvido, e isso a fez interromper seu nado, virando-se para o lado atrás da fonte, encontrando apenas um cardume de moreias paradas a encarando.

Chamaram-na de novo, dessa vez vindo de outra direção, e seus olhos voltaram-se para Thalassa, que mergulhava para cada vez mais perto da luz, onde agora entendia ser uma fissura imensa no núcleo.

Quanto mais perto chegava, mais inegável ficavam as manchas prateadas que emanavam da abertura e para seu desespero completo, Thalassa estava perto demais, rindo num tom que beirava à histeria, e bem quando conseguiu força para controlar sua voz, a reprodução do nome dela foi calada por um grito de dor.

Algo segurou seu corpo, parando-a por completo. Era impossível fazer qualquer coisa, incluindo piscar e respirar, mas de alguma forma essas funções não haviam sido desfeitas.

Suspensa e indefesa, apenas assistiu quando sua irmã passou pela fenda, transformando-se instantaneamente em uma onda cintilante e prateada, que logo em seguida foi absorvida como se algo de dentro da terra a sugasse, a sorvendo.

A luz aumentou e a canção que antes havia se calado voltou tão forte que a ensurdeceu.

Sentiu-se perder a consciência para algo que sequer estava ali. E no meio de todo o caos, dor e medo, sentiu a presença de uma mulher a envolver, a música entrando em seu corpo como se estivesse trocando de lugar com seu sangue.

A fraqueza deu lugar a uma urgência de algo que não conseguia denominar.

Apenas parou de lutar.

Foi aí que uma sombra imensa surgiu da fissura, e embora não conseguisse enxergar nada, ela conseguia *ver*. Sentiu garras a apertando e um riso macabro ressonou por entre a água.

“Achei você.”

As moreias se agitaram, e seu corpo foi tomado pela sensação de reconhecimento. Não devia temer e sim servir. Era esse seu propósito, ao mesmo tempo em que sabia que não era. O que quer que fosse estava controlando sua mente assim como fez com Thalassa.

— Filha, — a voz disse outra vez, a água se movendo na mesma frequência, formando as sílabas. — Vá até os outros. Traga meu sangue de volta.

Queria dizer não, mas todo seu corpo desejava cantar. E encantar.

E pela primeira vez conseguiu uma conexão com a mente das moreias, e todas chamavam seu nome, incentivando-a a dizer sim, a ceder. Centenas de vozes juntas que faziam-na querer rasgar a garganta a fim de impedir-se de fazer a conexão, porém a ordem era tão poderosa que seu senso de certo ou errado se perdeu, encerrando qualquer rastro de quem era antes de chegar ali.

Evocou o nome de Tiamat junto de um idioma que sequer sabia que existia, e quando terminou o que pareceu uma longa canção, sabia que todas as moreias estavam sob seu poder.

E que deveria sair dali com elas prontas para cumprirem seu dever.

— Sim, senhora.

Ela respondeu para o mar, e ao partir, sequer lembrara que um dia havia tido uma irmã.